



FACULDADE DE EDUCAÇÃO E MEIO AMBIENTE

JAQUELINE GUERRA LAFUENTE

OS DESAFIOS DA VIDA CONJUGAL NA ERA DO INDIVIDUALISMO

ARIQUEMES – RO

2020

JAQUELINE GUERRA LAFUENTE

OS DESAFIOS DA VIDA CONJUGAL NA ERA DO INDIVIDUALISMO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Psicologia da Faculdade de Educação e Meio Ambiente como requisito parcial à obtenção de créditos na disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso III.

Orientador (a): Profa. Ma. Natalí Máximo dos Reis

ARIQUEMES – RO

2020

FICHA CATALOGRÁFICA

**Dados Internacionais de Catalogação na
Publicação (CIP) Biblioteca Júlio
Bordignon – FAEMA**

L171c LAFUENTE, Jaqueline Guerra .

Conjugalidade: os desafios da vida conjugal na era do individualismo. / por Jaqueline Guerra Lafuente. Ariquemes: FAEMA, 2020.

35 p.

TCC (Graduação) - Bacharelado em Psicologia - Faculdade de Educação e Meio Ambiente - FAEMA.

Orientador (a): Profa. Ma. Natalí Máximo dos Reis.

1. Individualidade. 2. Individualismo. 3. Casamento. 4. Conjugalidade. 5. Contemporaneidade. I Reis, Natalí Máximo dos. II. Título. III. FAEMA.

CDD:150

Bibliotecária Responsável

Herta Maria de Açucena
do N. Soeiro CRB
1114/11

JAQUELINE GUERRA LAFUENTE

CONJUGALIDADE:

Os desafios da vida conjugal na era do individualismo

Monografia apresentada ao curso de Graduação em Psicologia da Faculdade de Educação e Meio Ambiente - FAEMA, como requisito parcial à obtenção do grau de bacharel em Psicologia.

Orientador (a): Profa. Ma. Natali Máximo dos Reis

BANCA EXAMINADORA

Prof. Ma. Natalí Máximo dos Reis
Faculdade de Educação e Meio Ambiente - FAEMA

Prof. Ma. Jéssica de Sousa Vale
Faculdade de Educação e Meio Ambiente - FAEMA

Prof. Ma. Yesica Nunez Pumariega
Faculdade de Educação e Meio Ambiente - FAEMA

Ariquemes - RO

2020

Dedico a Deus que me deu força, sabedoria, determinação e resiliência ao longo do curso, aos meus pais que nunca me deixaram desistir, e que acreditaram em mim, aos familiares, namorado e amigos que estiveram comigo durante todo esse processo de graduação.

AGRADECIMENTOS

Escrever os agradecimentos deveria ser a parte mais fácil de todo esse processo, mas ao longo de toda essa jornada, é tudo tão intenso e trágico (para acadêmicos desesperados) que no calor das emoções diárias nos acabamos que por não reparar em quem realmente nos oferece auxílio e empatia nos momentos de tensão. Então eu acredito que esse espaço seja para nos ajudar a refletir sobre como foi gratificante, essencial ter pessoas amadas e prestativas ao nosso lado, sendo assim, aqui vai meus agradecimentos.

Primeiramente agradeço a Deus, que me deu forças e determinação para que eu pudesse chegar até aqui, pois a vontade de desistir foi muita, em muitos momentos, com fé e determinação, eu consegui. Agradecer também meus pais Sildenice e Rilton que não mediram esforços para que eu estivesse aqui hoje, por sempre me apoiarem e acreditarem nos meus sonhos e metas, minha mãe por aguentar minhas lamúrias, estresse, chateações, quais eu fazia questão de dividir com ela.

Agradecer meus avós Sidvan, Sueli, e minha Bisavó Sebastiana por estarem sempre me colocando em suas orações, para que eu conseguisse finalizar essa etapa. E minha amada vó Neuza, a qual fez parte diretamente de muitos dias de sufoco, ansiedade e desespero, onde sempre me dizia (é por isso que muita gente desiste quando chega no tcc, isso dá trabalho demais fia), mas depois dizia pra ter calma e que tudo ia dar certo no final. Agradecer ao meu primo/irmão Tony mais conhecido como In que esteve comigo desde sempre, me dando forças, me acolhendo, chorando comigo, me parabenizando e me ajudando no que era de seu alcance, mas sempre por perto, nem que fosse para fazer raiva.

Também quero deixar aqui o meu agradecimento as amigas incríveis, colegas de sala, e amigas de vida Josiane e Faedra, nós dividimos todas as emoções sentidas durante esse processo, e se tornou mais leve com vocês por perto. As minhas amigas de vida Thays Pieper e Larissa Santos que me apoiaram, me ouviram, acolheram, e me incentivaram a ser melhor a cada passo, e acreditar mais

em mim. Agradecer também ao meu irmão Henrique por toda força que deu durante esse período, que me fazia rir mesmo nos momentos em que eu estava mais cansada, e sempre acreditando que eu seria capaz, e me fazendo acreditar também.

Ao meu namorado Klaysson que prestou seu apoio, atenção, carinho e colo nos momentos difíceis, que sempre acreditou em mim, que também me incentiva a ser melhor a cada dia, que foi paciente durante toda minha caminhada acadêmica. Agradecer a minha companheira de produção de TCC, Thalita Cristina que esteve comigo desde de o projeto, até a conclusão, qual dividimos angústias, indagações, alegrias, ansiedade, material científico, dores (risos), compartilhamos todas as dúvidas, todo sofrimento, mas também comemoramos juntas a escrita de cada linha, ela foi um verdadeiro anjo, que me prestou auxílio durante todo esse processo.

E agradecer minha querida mestra Eliane Azevedo, a qual tenho profunda admiração, que sonhou e traçou comigo cada etapa desse trabalho, que agora não faz mais parte do corpo docente, mas que me passou tanto ensinamentos, palavras de conforto e motivação. A Carla Rambo que também me auxiliou de forma excelente no começo do projeto, mas que já vinha me ensinando tanto no decorrer da graduação. Luana Patricia, minha inspiração de profissional, que nunca mediu esforços para me auxiliar. Todas acompanharam meu crescimento e cresceram juntas, as trocas foram gratificantes e inesquecíveis. Agradecer a minha Orientadora Natalí Máximo que pegou o barco já em navegação, mas que não deixou de remar em nenhum instante e me auxiliou de forma excelente para que eu conseguisse chegar ao destino final, um ser humano admirável, que sempre me acolheu e teve um papel fundamental para que eu conseguisse estar aqui hoje, escrevendo esses agradecimentos.

Também quero deixar aqui registrado meus agradecimentos aos meus colegas de sala, que compõem a turma 2016.1, dizer que sou muito grata a tudo que vocês enquanto grupo me ensinaram, o que cada um em sua individualidade me ensinou, e o que nós aprendendo juntos, porque afinal, Os melhores tem nome! E por fim, não menos importante, quero agradecer a mim mesma, pela persistência, coragem, determinação, por mesmo querendo desistir muitas vezes, consegui seguir firme nessa jornada, e hoje escrevendo esses agradecimentos, o sentimento é de dever cumprido, e a sensação de que muitos desafios ainda estão por vir, e com toda certeza irei enfrentá los com sabedoria, discernimento, resiliência e com ética.

Não considere nenhuma prática como imutável. Mude e esteja pronto a mudar novamente. Não aceite verdade eterna. Experimente.

B. F. Skinner

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo compreender as dificuldades da vida conjugal em se falando de uma sociedade individualista, e como essa prática afeta o relacionamento conjugal. Para alcançar tal objetivo, aludiu-se a conceitos como conjugalidade, individualidade e individualismo, e apresentou-se a diferença dos termos. A metodologia em questão se trata de uma pesquisa bibliográfica, na qual foram utilizados materiais digitais como artigos e livros. Pesquisados nas bases de dados, Scielo, Pepsic, USP, UNESP, Ecos. Através da pesquisa foi possível compreender que, constantemente pessoas iniciam a busca por uma vida a dois e por obter sentimentos de pertencimento e segurança. No entanto esse desejo de ter uma vida conjugal se choca com a incerteza, pois juntamente com a conjugalidade vem as adversidades diárias, os problemas individuais e conjuntos, os desejos individualistas e as práticas dos mesmo. Dessa forma, os indivíduos acabam tendo dúvidas sobre ter uma vida conjugal ou não, sendo um processo contraditório, pois ao mesmo tempo em que o individualismo é almejado e reforçado pela sociedade onde o indivíduo decide sua própria vida e objetivos sem precisar do consentimento ou opinião do outro, também se deseja por uma vida compartilhada, por sentimentos de segurança, construção familiar e sensação de pertencimento.

Palavras-chave: individualidade; individualismo; casamento; conjugalidade; contemporaneidade.

ABSTRACT

This paper aims to understand the difficulties of married life when talking about an individualistic society, and how this practice affects the marital relationship. Alluding to concepts such as conjugality, individuality and individualism, and to present the difference in terms. The methodology in question is a bibliographic search, in which digital materials such as articles and books were used. Searched in the databases, Scielo, Pepsic, USP, UNESP, Ecos. Through the research it was possible to understand that the search for conjugal relationships is inserted in society, people constantly start the search for a life together and to obtain feelings of belonging and security. However, this desire to have a married life clashes with uncertainty, because together with conjugality comes daily adversities, individual and joint problems, individualistic desires and their practices. Thus, individuals end up having doubts about having a married life or not, being a contradictory process, because at the same time that individualism is desired and reinforced by society where the individual decides his own life and goals without needing consent or opinion on the other, it is also desired for a shared life, for feelings of security, family building and a sense of belonging.

Keywords: individuality; individualism; marriage; conjugality; contemporaneity.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1. OBJETIVOS	13
1.1 OBJETIVO GERAL	13
1.2 OBJETIVO ESPECÍFICOS	13
2. METODOLOGIA	14
3. REVISÃO DE LITERATURA	15
3.1 CONJUGALIDADE	15
3.2 INDIVIDUALISMO	20
3.3 INDIVIDUALIDADE	25
CONSIDERAÇÕES FINAIS	28
REFERÊNCIAS	31
ANEXOS	35

INTRODUÇÃO

O termo conjugalidade abrange a união entre indivíduos, esteja ela dentro ou não dos modelos jurídicos, religiosos ou sociais, indivíduos esses que decidem conjugar um espaço afetivo e vivencial em comum. É o reconhecimento de vínculo entre dois sujeitos.

Segundo Neves, Dias e Paravidini (2013) um dos conflitos da atualidade envolve a ânsia de homens e mulheres por uma construção de laços que possa lhes configurar algum sentimento de pertencimento e segurança. Porém, ao mesmo tempo, esses indivíduos desconfiam da condição de ficarem juntos, pois não sabem se estão dispostos a enfrentar as tensões da vida em comum, e de abrir mão da liberdade individual, tão valorizada.

A constituição e a manutenção da vida conjugal na contemporaneidade são muito influenciados pelos valores do individualismo, pois os ideais contemporâneos enfatizam mais a autonomia e satisfação de cada um dos cônjuges do que os laços de dependência entre eles. Dessa forma, o casal contemporâneo é confrontado a todo tempo pelas suas ideias individualistas, por meio das quais a sociedade influencia cada vez mais o indivíduo a pensar somente em si mesmo, e a realizar atividades que satisfaça apenas o seu eu.

Então, por assim dizer, sabe-se que viver uma vida conjugal é a escolha da maioria dos indivíduos, considerando que seja uma construção histórica e cultural, fazendo com que os indivíduos se sintam na necessidade de compartilhar a vida com o outro, para que se sinta assim encaixado na sociedade.

Mas ao assumir uma vida conjunta é necessário pensar e agir dentro da conjugalidade, ou seguir com o pensamento individualista de uma vida sozinho? Como é ter uma vida conjugal numa sociedade cada vez mais individualista? Ser individualista pode atrapalhar o relacionamento? Individualidade ou individualismo, como lidar com essas duas facetas do cotidiano da conjugalidade? Esses são questionamentos importantes para nortear uma pesquisa que pretende analisar um tema antigo e ao mesmo tempo contemporâneo na sociedade. Dessa forma o presente trabalho levanta a seguinte indagação: como constituir uma vida conjugal dentro de uma sociedade contemporânea que tem como principal característica o individualismo?

Sendo assim, tendo como justificativa de relevância pessoal o interesse em destrinchar as problemáticas enfrentadas dentro da relação conjugal na contemporaneidade, levando em consideração a trajetória histórica do casamento e vida conjugal dos indivíduos, sendo que esse sempre foi um assunto pertinente para o pesquisador, que sempre questionou-se sobre os papéis dos cônjuges e como a individualidade de cada um é compreendida.

E no âmbito social, a relevância se dá pela compreensão de todo o percurso da conjugalidade e suas facetas diante da sociedade, aludindo a forma como era compreendido os relacionamentos desde de o início e o papel que o mesmo dispunha perante a comunidade. Como acadêmica, pensando na demanda significativa que o tema possui dentro da prática clínica e a importância cultural que um relacionamento conjugal possui perante a sociedade, se faz necessário compreender o quão relevante é essa experiência para os indivíduos. E ao se inserir nessa realidade, compreender se os desejos e metas são mesmo de cada um, ou é mais um desejo de se sentir incluído em uma sociedade que reforça os padrões que foram construídos pela cultura.

A partir das indagações feitas, este trabalho busca subsídios em referencial teórico sobre conjugalidade e suas práticas, buscando também compreender o papel da individualidade dentro do relacionamento, e como as condutas caracterizadas pelo individualismo podem dificultar a convivência conjugal de ambos, tendo em vista que essas práticas estão inseridas na sociedade. E como os cônjuges manuseiam essas problemáticas no cotidiano.

1. OBJETIVOS

1.1 OBJETIVO GERAL

Analisar como as práticas individualistas afetam a conjugalidade na contemporaneidade.

1.2 OBJETIVO ESPECÍFICOS

- Definir conjugalidade/ casamento.
- Entender a diferença entre individualidade e individualismo.
- Identificar a existência de práticas individualistas na vida conjugal.
- Verificar se há dificuldades na vida conjugal diante da existência de práticas individualistas por um ou pelos dois cônjuges.

2. METODOLOGIA

O presente estudo se trata de uma pesquisa bibliográfica, que foi desenvolvida a partir de material já elaborado, constituído de livros e artigos científicos, e se classifica como pesquisa exploratória. Esse tipo de pesquisa tem como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema com intuito de torná-lo mais explícito, esse caminho de pesquisa é portanto bastante flexível, onde pode possibilitar a consideração dos mais variados aspectos do estudo (GIL, 2002).

Os materiais utilizados na pesquisa foram de fontes digitais, tendo em vista que o estudo presa por materiais de confiabilidade e cientificidade. Para a revisão de literatura foram utilizados artigos científicos cujos assuntos contemplam a proposta de estudo deste trabalho, pesquisados nas bases de dados Ecos, Pepsic, Scielo, UNESP, USP.

Os descritores utilizados foram: conjugalidade, individualismo e individualidade. Os critérios para inclusão e exclusão de materiais encontrados, foram os que aludem sobre conjugalidade, o individualismo e sobre a individualidade de cada indivíduo, os materiais que não tratavam dessa temática foram descartados.

3. REVISÃO DE LITERATURA

3.1 CONJUGALIDADE

Os estudos sobre conjugalidade surgem no século XX dentro do campo da psicologia, onde seguiam as tendências metodológicas e teóricas dominantes da época em questão.

Na primeira metade do século XX, o método de investigação que predominava dentro da área da psicologia era influenciado pelo modelo newtoniano-cartesiano, que focava as características do indivíduo enquanto um processo monádico¹. E o que predominava era a forma individualista que a psicologia compreendia o indivíduo, e o processo terapêutico era voltado para orientações sobre matrimônio, e não para compreender e orientar sobre os conflitos oriundos da relação. O casamento era compreendido como um fenômeno natural que por sua vez era constituído de dois indivíduos com características individuais que se combinavam. Dessa forma, o questionamento era voltado a quais características os indivíduos possuíam que poderiam favorecer uma vida conjugal consideravelmente feliz.

Gottman e Notarius² (2002) apud Féres-Carneiro e Neto (2010) apontam que na década de 1950 os estudos sobre conjugalidade passam a ser feitos por sociólogos, que perceberam que os relatos dos cônjuges seriam relevantes para pesquisas, mas deveriam ser em número suficiente para que fosse validado. Com base nesses estudos foram descobertos dois fenômenos replicáveis que apareciam na pesquisa sobre conjugalidade: o efeito halo³ positivo e negativo. Que significa que casamentos felizes tendem a valorizar as características da personalidade do parceiro e isso é encarado de forma positiva, sendo eles valorizados, e nos casamentos infelizes, esses traços são considerados negativos e prejudiciais à relação.

¹ Concepção do corpo como agregado de inúmeras substâncias vivas de caráter metafísico. Um plano terrestre no qual se encarrega dos encontros das almas, almas que já possuem afinidades.

² Gottman, J. M., & Notarius, C. I. (2002). Marital research in the 20th century and a agenda for the 21th century. *Family Process*, 41, 159-198.

³ É a possibilidade de uma avaliação de um item ou indivíduo ser focada em apenas um fator, fazendo com que outros fatores, que talvez fossem importantes sejam deixados de lado, e isso pode interferir na avaliação realizada.

Dessa forma compreende-se que as características da personalidade do indivíduo não está ligada com a satisfação ou não do cônjuge, mas o que está relacionado é a maneira com que esse parceiro percebe e lida com esses traços.

Segundo Foucault (1999) o Ocidente conseguiu aludir o sexo a um campo de racionalidade, pois antes tratar sobre sexo era visto como tabu e ofensivo, como também fez os gregos, sendo assim, passa-se a ver o indivíduo como um todo, corpo, alma, individualidade, história. O vínculo entre os parceiros passa a ter outro valor, como poder, prazer, circulação de riquezas, saindo então do objetivo inicial que era a procriação.

Giddens (1993) retrata que no século XIX os laços conjugais eram baseados em ideais de amor romântico pela maior parte da população, que os ideais de valores econômicos não era a base. Com a difusão dos ideais de amor romântico, o relacionamento conjugal passou a ser visto de outra forma, e cada vez mais, os cônjuges eram vistos como colaboradores de empreendimento emocional conjunto, com isso as obrigações com os filhos. O lar passa a ser um ambiente onde os indivíduos poderiam ter apoio emocional, constituir grandes famílias acaba não sendo mais um objetivo, pois se apresentam na sociedade forma contraceptivas. A sexualidade começa então a ser propriedade do indivíduo, não sendo mais vista como fonte de reprodução, mas também de prazer.

Bauman (2004) abordam sobre a conjugalidade na contemporaneidade, e argumentam que os indivíduos buscam por vínculos amorosos, e que esse desejo se torna uma necessidade mesmo estando inseridos em uma sociedade em que dificulta diariamente a construção de relacionamentos.

Ao se tratar de pesquisas sobre as relações de conjugalidade e subjetividade, é necessário realizar primeiramente uma contextualização histórica e sociocultural no qual essas relações começam a se estabelecer. Considerando então a mudança que o casamento sofreu com o passar dos anos, ampliam-se as perspectivas de compreensão sobre a psicodinâmica conjugal, novas configurações e as repercussões sobre a subjetividade na contemporaneidade (MAGALHÃES; FERES-CARNEIRO, 2003).

Para Magalhães, Feres-Carneiro (2003, p.1) “a contextualização da relação conjugal e a desnaturalização do casamento implicam a compreensão do processo de desenvolvimento e de transformação do sentimento de intimidade nas relações amorosas.” A partir dessa pontuação, compreende-se que os

relacionamentos e suas intimidades passaram por um processo de mudança, na qual a intimidade conjugal passa a ser uma junção dos dois indivíduos, e começa a ser valorizada. Esse sentimento de intimidade passa ter mais valor, e acaba atraindo atenção, onde se inicia uma construção do clima emocional que é apropriado para fusão das individualidades de cada indivíduo, fundando assim o campo da conjugalidade. Nesse sentido, a conjugalidade se define como dimensão psicológica compartilhada, onde existe uma dinâmica mesmo que inconsciente de leis e um tipo de funcionamento específico para cada casal.

Foucault (1984) faz uma observação na qual os indivíduos da revolução burguesa passam a compreender o lar como um refúgio, no qual se encontra apoio emocional. Esse suporte substitui o entendimento de que a relação conjugal era apenas para procriação, passa-se então a valorizar a sexualidade dos cônjuges. Com essa nova visão de família, surgem pressões para que sejam usados novos métodos de contracepção, e com isso limitou-se o tamanho das famílias. Os relacionamentos então passam por uma transição, e a sexualidade passa a ser uma propriedade do indivíduo, a qual depende do seu desejo, e não mais uma exigência de procriação.

O casamento passa a ser cada vez mais uma relação forte e central na vida dos indivíduos, levando em consideração o grau de proximidade, intimidade e envolvimento emocional. Se torna uma escolha individual, responsável e autônoma, que tem como base laços de afetos e afinidade (MAGALHÃES; FERES-CARNEIRO, 2003).

Bauman (2004) aborda sobre conjugalidade dentro da contemporaneidade. Dentro de sua perspectiva, os laços criados dentro da modernidade, são laços frágeis, porém mesmo dentro dessa fragilidade e instabilidade os indivíduos continuam com a busca por relacionamentos afetivos, mesmo esses sendo mais rápidos e voláteis do que da sociedade antiga. E essa perspectiva é interessante, pois por mais que seja um engajamento em uma relação frágil, as mesmas são idealizadas como eternas. E toda essa fragilidade causa insegurança, seguida do mal-estar. Dessa forma, os indivíduos tentam controlar essas relações para que se sintam mais seguros, da mesma forma que controlam seus investimentos sociais.

Sabe-se que a cultura da sociedade influencia os indivíduos a buscarem por uma vida conjugal, e diariamente elas são iniciadas, pois almejam obter sentimentos como o de pertencimento e segurança. Ao mesmo tempo, já

carregam a insegurança da durabilidade da vida conjugal, na qual se questionam se conseguirão lidar com as adversidades e aborrecimentos causados pela vida conjunta. Sendo assim, cria-se uma indecisão entre construir uma vida conjugal com laços afetivos, ou ficar só, sendo notório que vivemos em uma sociedade marcada pelo individualismo e exaltação do seu próprio eu e realizações pessoais. Assim, há indivíduos que preferem envolver-se consigo mesmo, dando atenção aos seus projetos, adiando assim a vida conjugal, ou a dúvida se deve ou não investir na mesma.

Gomes e Porchat⁴ (2006, p. 137) *apud* Neves et al. (2013) trazem que a busca pelo vínculo com o outro é uma “força motriz básica do ser humano”, na qual essa fonte de vínculo pode servir como preenchimento, amadurecimento e realizações. Logo, a conjugalidade é entendida como um ato de realizações e busca de uma felicidade ideal, depositando no outro a expectativa que preencha o que está faltando.

Rios (2008) argumenta que na atualidade é o encontro intersubjetivo que está em jogo. As pessoas se agrupam para trabalhar, estudar, ganhar dinheiro, mas isso não significa que seja um encontro intersubjetivo, pois na sociedade atual, cada ser está mais interessado de falar de si mesmo, do que parar e ouvir o que o outro tem a dizer.

O termo intersubjetivo ligado ao de vínculo significa que os indivíduos estão unidos em três psiquismos: o de um sujeito, o do outro e o da relação entre eles, sem que nenhum interfira na vida do outro. Assim, compreende-se que não se trata das relações entre as subjetividades, mas sim dos dois sujeitos inconscientes que buscam no outro uma via para a realização de seus desejos, sem que os dele seja esquecido.

Entende-se para que uma conjugalidade continue a manter a veracidade e o brilho do início, é necessário que cada indivíduo recorra aos seus recursos psíquicos para conseguir nesse processo reconhecer, respeitar e se responsabilizar pelo outro e pelo vínculo, e construir um relacionamento não ao modelo do feliz para sempre, mas sim em que a reciprocidade os faz crescer e viver de forma satisfatória.

Os relacionamentos conjugais passam por transformações. Uma delas

⁴ Gomes, P. B., & Porchat, I. (2006). *Psicoterapia do casal*. São Paulo: Casa do Psicólogo.

constitui-se na facilidade perante a justiça para que seja realizada a formalização da relação, bem como os processos de divórcio, o que tem favorecido o aumento desses processos. Considerando que pessoas solteiras continuam a buscar pela conjugalidade, as pessoas que já passaram por essa experiência, usam a facilidade do processo de divórcio para formalizar com rapidez, e logo já ingressam em outra relação. Dessa forma, as uniões estão cada vez mais com a durabilidade comprometida. E com isso percebemos que mesmo com a complexidade dos relacionamentos, essa é a busca e o desejo dos indivíduos.

Os relacionamentos estão cada vez mais breves e têm se iniciado de forma facilitada. São marcados pelo descompromisso, e os critérios usados para uma aproximação são em geral a beleza e o poder aquisitivo.

Autores como Bezerra e Justo (2010) e Smeha e Oliveira (2013) compreendem que esses relacionamentos íntimos que são breves e marcados pelo descompromisso, são de uma proporção diferente do casamento. Embora esses relacionamentos sejam de uma percepção e proporção diferente, evidências ainda indicam que os indivíduos possuem como plano se unir maritalmente, mesmo esse não sendo o objetivo central de vida.

A evolução social modificou a visão sobre os relacionamentos afetivos, essa mudança se deu a partir de acontecimentos como a conquista dos direitos femininos, revolução sexual e métodos contraceptivos. Toda essa transição fez com que o casamento que era modo como se exercitava a conjugalidade, passasse a sofrer questionamentos, e outros modos de se relacionar passa a ser visto de outra forma. Até os anos 70 no Brasil seguia-se um único caminho para se constituir uma família, o casamento tradicional era compreendido como uma ponte para que os jovens pudessem se instalar na vida, e com isso satisfazer suas necessidades sexuais e econômicas, pois um indivíduo que fosse casado assumia um papel diferente na sociedade. (FALCKE; ZORDAN, 2010).

Logo essa percepção ganha novo entendimento e o casamento passa a ser menos exigido na contemporaneidade, os indivíduos então escolhem se desejam assumir esse compromisso.

Segundo Zordan (2010) a união conjugal, estabelecida visando compartilhar aspectos de suas vidas, sempre esteve presente na história da humanidade, assumindo características diferentes de acordo com os contextos em que se inserem, sendo estes político, religioso, social, cultural ou econômico.

A partir do século XVIII surge o amor romântico como valor cultural e base ideal para o casamento. Esse modelo chega ao século XX, mas passa a coexistir com diferentes estilos de vida e arranjos conjugais, pois a sociedade contemporânea não vê o casamento como uma única possibilidade, nem como obrigação, diz Zordan (2010).

O vínculo conjugal é construído a partir da trajetória vivida pelo casal. Sendo assim se leva em consideração aspectos individuais, familiares, sociais que estão diretamente ligados a dinâmica conjugal construída. Essa união se apresenta como uma construção de uma realidade conjunta, na qual se tem espaço para expressar as individualidades, e com isso a estruturação da conjugalidade.

Féres-Carneiro e Diniz (2010) aponta que a relação conjugal decorre de um contexto histórico e social, dentro desse cenário o indivíduo se relaciona e de alguma forma absorve características do seu ambiente, e essas experiências começam a ser trocadas, criando um local em comum, na qual as interações passam a ser significativa para ambos.

Toda a mudança no contexto conjugal fez também com que os indivíduos tivessem uma visão diferente da inicial. Onde passa a se ter uma nova perspectiva sobre casamento e família, deixando o casamento tradicional como uma entre tantas outras possibilidades que o novo contexto oferece (COUTINHO; MENANDRO, 2010).

A conjugalidade contemporânea está dividida entre um ideal de fusão afetiva, na qual se dedica concentração nas expectativas de felicidade pessoal, como também se investe na realização individual (Aboim, 2006).

3.2 INDIVIDUALISMO

O conceito de individualismo tem sido utilizado no campo das ciências de diversas formas e com muitos sentidos, de acordo com os diferentes propósitos a que se presta. De acordo com Freud (1930), em o Mal Estar da Civilização, os indivíduos eram compreendidos de outra forma, pois se deparava com a cultura que cercava o mesmo, impedindo que realizassem seus desejos e satisfações. Na atualidade, a cultura incentiva o indivíduo a buscar seu bem-estar,

independentemente de como for, com liberdade individual, onde ele passa a ser o centro das atenções.

Com o passar do tempo, cada dia mais vivemos em uma sociedade culturalmente individualista, onde algumas características sobre esse mundo pode ser apresentada, como: redes corporativas, projetos de curto prazo e consumismo compulsivo. Todavia, sabe-se que essa imersão nessa sociedade pode causar grandes problemas emocionais dentro da vida pública e privada. O conceito de individualismo foi cunhado em 1830 por Alexis de Tocqueville para descrever aqueles senhores burgueses da América, que viviam como se fossem distintos dos outros povos.

Para que seja entendida com maior clareza a confluência das mudanças interiores e exteriores da vida dos indivíduos é que se chegou a desenvolver a noção do “novo individualismo” termo utilizado por Elliott (2018). A cultura demanda que o indivíduo se reinventa constantemente, e essa reinvenção acarreta consequências para a reorganização de si mesmo e o âmbito social. As condições de globalização avançam, e induzem que os indivíduos se remodelam para acompanhar a tecnologia da globalização. Sendo assim não é a individualidade particular do indivíduo que tem importância, mas sim, a forma com que eles se reinventam, como recriam suas identidades, e a rapidez com que isso é feito.

O individualismo requer criação instantânea, reinvenção e transformação de eus. Viver em uma era global de um novo individualismo propõe indivíduos que são capazes de projetar e dirigir suas próprias vidas, definir identidades em termos de autorrealização, e empregar bens sociais e símbolos culturais para que seja representada sua expressão individual e sua personalidade. Esse novo individualismo marcado por essa implacável autorreinvenção de que se deve constantemente reinventar suas identidades está se tornando parte da vida dos indivíduos, e que muitas vezes acaba envolvendo vícios, como compulsões e obsessões, e pode-se considerar que a pressão que o consumismo exerce sobre o indivíduo colabora para que essas transformações sejam cada vez mais realizadas em todos os âmbitos que envolvam o mesmo.

Algumas teorizações de Marx, Simmel, Giddens (1993) entre outros enfatizam processos que se dão a partir do individualismo, como os processos de desencaixe, que desprendem as pessoas dos contextos tradicionais, deixando a

subordinação pessoal de lado e acabando com identidades sociais estáveis. E a apesar de se conseguir traçar origens históricas referentes ao individualismo contemporâneo, ele surge a partir de mecanismos modernos, o qual possibilita ao indivíduo uma autonomia antes não mensurável.

No século XX começa a se notar uma expansão do consumo na qual foi vinculada ao liberalismo no âmbito político, que acaba por favorecer ideais libertários em substituição aos ideais ligados ao trabalho, com isso ocorreu uma instabilidade nas instituições tradicionais como a família, mudando assim toda uma esfera familiar. O fortalecimento da família nuclear burguesa no século XIX, passa a ser associado ao individualismo, logo após no século XX se depara com várias mudanças das instituições. A fase do libertário teve valor de transformação nos ideais sociais da cultura ocidental que era marcada por um formato de relações entre o público e o privado, onde traçou novos formatos de relações, formas diferentes de lidar com as distinções de sexo e gerações (GARCIA; COUTINHO, 2004).

Por volta de 1950 e 1960 surgem outras teorias sobre o novo individualismo, e se percebe que o individualismo não parecia ser tão arrogante como era visto antes, e nem tão pouco ameaçador, mas sim uma nova visão, um individualismo isolado. David Riesman, Natham Glazer e Reuel Denney (2001) propõem em sua obra que o individualismo passa a ser moderno e maduro, onde a produtividade do empregador, antes vista como força, agora passa a ser conformista e triste. Com a mudança do individualismo para uma atuação conformista, os indivíduos passam a ser cada vez mais isolados.

O individualismo na contemporaneidade teria correspondência com a grande diferença entre o processo de constituição do ego e o processo de socialização, nesse sentido, teria uma modificação histórico-antropológica, visto que a socialização seria de domínio das delimitações identitárias. Existiria um domínio das relações afetivas e cognitivas com relação aos papéis sociais, em função disso entende-se que o indivíduo começa a ter controle sobre suas relações e os papéis sociais que vai representar. E as conexões de mundo, privado e público, identidade e papel social estavam cada vez menos estruturados pela socialização, mas sim, como uma construção assumida pelo próprio indivíduo (PERRUSI, 2015).

Dessa forma, podemos perceber que o individualismo contemporâneo, mediado por formas de utilitarismo, apresentaria certa intolerância com o sofrimento psíquico, o que possibilita a redução da dor psíquica e a torna passível de eliminação. Logo, não é surpresa que o uso de psicofármacos só tem aumentado, pois se torna um atuante relevante a eliminação de sofrimentos psíquicos.

A sociedade contemporânea atribui ao indivíduo um valor supremo, levando-o a sentir-se acima de qualquer outro. Assim chega-se a alguns resultados como, forte ênfase em aspectos como a liberdade, realização pessoal, ter sensações prazerosas, e viver sem depender de outro.

Segundo Dumont⁵ (2000) citado por Vieira e Stengel (2012, p. 346) o individualismo é compreendido traçando a diferença entre as sociedades holistas e individualistas. De acordo com sua compreensão a sociedade holista é a totalidade do corpo social, tem um valor, enquanto nas sociedades individualistas o indivíduo é mais valorizado por si só, sendo o centro e foco.

Na França, no período de pós-revolucionário (1789-1799) o individualismo passa a ser um problema, pois a sociedade passa por um momento de conflito social, esse caos afeta a estrutura nobiliárquica da sociedade.

Esse caos serviu para reflexão do pensamento conservador, para que se passasse a responsabilizar o individualismo. (LUKES⁶, 1975 apud VARES, 2011). A partir disso, o individualismo passa a ser visto de duas formas, sendo eles, um fenômeno perverso e destrutivo dos laços, e com características do desenvolvimento da autonomia do indivíduo.

Taylor⁷(1991/2011) apud Marcon e Furlan (2020) em seu trabalho identifica algumas preocupações na contemporaneidade referente aos indivíduos, sendo elas o individualismo, primazia da razão instrumental e a alienação da esfera política. Contudo, o autor faz alusão de que todos esses pontos estão ligados ao individualismo, pois estão ligados entre si. Segundo o autor, o individualismo se trata de um modo de vida no qual se tem um foco excessivo no âmbito individual, onde a prevalência do querer interno se sobressai a qualquer exigência ou relação

⁵ DUMONT, L. O. Individualismo: Uma perspectiva antropológica da ideologia moderna. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

⁶ LUKES, Steven. El individualismo. Barcelona: Península, 1975.

⁷ Taylor, C. (2011) A ética da autenticidade (T. Carvalho, trad.). São Paulo, SP: É Realizações. (Trabalho original publicado em 1991).

do mundo externo. A primazia da razão instrumental também possui ligação com o que se entende por individualismo, sendo esse, uma contrapartida no modo de pensar e de se relacionar com o ambiente e com outro. E a alienação da esfera política que também está ligada às outras duas vertentes; se caracteriza por um desinteresse geral com as relações coletivas, sem engajamento. Sendo assim o individualismo diz respeito ao modo de ser que prioriza o pessoal, onde o particular sempre aparece como mais importante, deixando o coletivo como última instância.

O autor retrata essa nova perspectiva como um rompimento do homem contemporâneo com relação a horizontes morais restritivos, pois os momentos históricos anteriores eram compostos por poucas possibilidades de escolhas de como seria sua vida. Instituições como casamento e religião eram o centro da vida privada ou coletiva do indivíduo, e a forma como se construía a vida era única e identificada de maneira específica a cada indivíduo, os deveres e responsabilidades eram definidos a partir do seu gênero, impossibilitando qualquer perspectiva que fugisse dessa normalidade e articulação de vida social. A partir desse rompimento com as relações passadas, o homem contemporâneo carrega consigo a possibilidade de escolher a forma como vai viver sua vida, essa escolha representa um ganho de liberdade, um aspecto positivo com relação aos antepassados.

Apesar da busca pela conjugalidade ser constante e considerada um ideal de felicidade, a grande dificuldade apresentada já mencionada, é o individualismo dentro da construção de uma vida conjugal em sua dinâmica e convivência diária. Como administrar dois sujeitos, dois desejos, percepções de mundo e situações, histórias de vida, projetos, se cada indivíduo carrega consigo sua própria particularidade? Como lidar para que essa individualidade não se torne o individualismo dentro do cotidiano? Percebemos que esse é um dos maiores desafios pois, mesmo havendo o desejo de obter o sentimento de preenchimento e realização de uma vida conjugal, a mesma remete um convívio e uma percepção diferente daquela pela qual somos motivados diariamente pela sociedade. Assim podemos dizer que a constituição e a manutenção do casamento na contemporaneidade obtêm influências da sociedade e valores individualistas.

3.3 INDIVIDUALIDADE

A subjetividade se refere ao processo de apropriação da realidade. Esse processo é básico para que se tenha uma compreensão do psiquismo, e a individualidade é a herança biológica de cada indivíduo, essa herança biológica é a base da construção de todo psiquismo do indivíduo. A personalidade está entendida como uma individualidade complexa, ou seja, superior, na qual a base é a individualidade em sua essência, mas essa complexidade se constrói a partir de aspectos históricos e culturais do indivíduo.

A singularidade é que diferencia um indivíduo do outro, tornando-o único, sendo o produto da história de socialização, a forma como ele se relaciona com o mundo é o principal elemento para a construção das suas objetivações e sua individualidade. (SILVA, 2009).

Assim, a subjetividade enquanto processo de constituição do psiquismo possibilita ao homem apropriar-se das produções da humanidade (universalidade), a partir de determinadas condições de vida (particularidade), que constituem indivíduos únicos (singularidades), mesmo quando compartilham a mesma particularidade. (SILVA, 2009, p.174).

A personalidade se caracteriza como complexificação da individualidade, de forma superior, no qual se desenvolve a partir das relações sociais com outros indivíduos.

O termo individualidade, subjetividade como termos dentro da psicologia são usados para se referir ao um objeto de estudo, seja para designar processos, resultados ou auxiliar na compreensão do mesmo. A subjetividade é entendida como aquilo que diz respeito ao indivíduo, psiquismo, formação, algo que seja interno com uma relação dialética com a objetividade que é o externo, se dá a partir de um processo e resultado amplo e que constitui a singularidade de cada indivíduo.

A subjetividade representa um macroconceito orientado à compreensão da psique como sistema complexo, que de forma simultânea se apresenta como processo e como organização. O macroconceito representa realidades que aparecem de múltiplas formas, que em suas próprias dinâmicas modificam sua autorganização, o que conduz de forma permanente a uma tensão entre os processos gerados pelo sistema e suas formas de autorganização, as quais estão comprometidas de forma permanente com todos os processos do

sistema. A subjetividade coloca a definição da psique num nível histórico-cultural, no qual as funções psíquicas são entendidas como processos permanentes de significação e sentidos. O tema da subjetividade nos conduz a colocar o indivíduo e a sociedade numa relação indivisível, em que ambos aparecem como momentos da subjetividade social e da subjetividade individual. (Gonzalez Rey, 2001, p. 1).

O fato de a subjetividade referir-se àquilo que é único no sujeito, não quer dizer que sua gênese esteja no interior do indivíduo, mas que essa gênese está nas relações sociais do mesmo, quando se apropria de tais relações de forma única. Da mesma forma com que a subjetividade refere-se ao indivíduo, a individualidade também refere-se ao mesmo, composta por algumas características, como as naturais, que são herdadas biologicamente, como forma física, funcionamento do sistema nervoso, emoções e dinâmica das necessidades biológicas. Todas essas características são pertencentes ao indivíduo que vão se singularizando e se diferenciando dos outros, apesar de algumas dessas particularidades serem herdadas, elas podem ser modificadas diante dos processos de relações sociais. Refere-se a essas particularidades que formam o indivíduo, e que servem de base para a construção do psiquismo e da singularidade.

No Brasil, o termo individualidade começa a ser notado a partir dos estudos de Duarte em 1999. Neles, o autor busca compreender o que realmente vem a ser o termo individualidade, chegando ao entendimento de que o termo individualidade de uma forma geral refere-se à singularidade do indivíduo sem qualquer distinção entre subjetividade e personalidade. O autor não tinha como objetivo estabelecer diferenciações.

Martins (2001) traz que a personalidade se põe enquanto atributo do indivíduo ou expressão máxima da individualidade, um processo resultante da relação indivíduo e sociedade, com origem endopsíquica que engloba as particularidades das funções psicológicas, e a exopsíquica, abarcando todas as experiências vividas pelo indivíduo.

Sendo assim a individualidade, são as características que o indivíduo possui, sendo elas biológicas que são herdadas pela carga genética, ou aquelas que são aprendidas diante das relações que cada indivíduo desenvolve em seu âmbito social, sendo a individualidade única de cada ser.

Féres-Carneiro e Ziviani⁸ (2009 apud Neves et al, 2013, p.75) salienta que articular a individualidade e conjugalidade é um dos desafios enfrentados pelos casais contemporâneos, pois o valor da liberdade e suas conquistas acabam entrando em conflito e impasses com a relação conjugal. Pode-se perceber que ficar sozinho ou optar por uma vida conjugal acaba se tornando uma contradição, pois ao mesmo tempo em que o individualismo é tão almejado e valorizado, o ideal do amor e a busca pela felicidade também é muito desejado.

A relação conjugal é entendida normalmente como uma organização, complexa, contínua e dinâmica entre duas individualidades que se unem e constroem uma identidade conjugal. A individualidade dentro da relação conjugal refere-se ao que cada indivíduo tem de único que constitui a relação, são únicas, com seus próprios desejos, significados, singularidades, diferentes experiências culturais, e sua forma única de compreender a realidade, onde é apreendido pelas dinâmicas familiares a qual estava inserido (PORRECA, 2019).

Na vida conjugal as individualidades se relacionam formando uma nova realidade intersubjetiva, que é a relação entre os cônjuges, isto é, um nós em contínuo e progressivo movimento. Dessa forma, a relação é entendida como uma terceira realidade, que acontece a partir das realidades individuais de cada um, e que tem um objetivo em comum. A realidade conjugal é complexa, instável e intersubjetiva, pois é constituída pelas múltiplas e diversas interações contínuas entre o casal dentro da relação, e também pelo contexto histórico, cultural e econômico em que fazem parte, sendo assim de difícil compreensão, e não tendo como se encaixar dentro de protocolos, pois cada casal carrega sua subjetividade conjugal. Portanto, não se deve identificar a conjugalidade como a soma das individualidades, mas sim um processo compartilhado e contínuo que forma como já mencionado antes, uma terceira realidade, isto é, a relação conjugal.

⁸ Féres-Carneiro, T., & Ziviani, C. (2009). Conjugalidades contemporâneas: um estudo sobre os múltiplos arranjos conjugais na atualidade. In T. Féres-Carneiro (Ed.), Casal e família: permanências e rupturas (pp. 83-107). São Paulo: Casa do Psicólogo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Compreende-se que houve uma mudança no contexto da conjugalidade, no qual, o casamento tradicional tinha como principal objetivo valores econômicos e sociais, dessa maneira que os indivíduos ocupassem um lugar respeitado perante a sociedade. Até os anos 1970 no Brasil era necessário que os jovens se casassem para só assim serem inseridos na vida adulta, e também satisfazer as necessidades sexuais e econômicas. Logo, fica visível a mudança nos relacionamentos, e falar sobre sexualidade passa a não ser considerado ofensivo, e indivíduo começa a ser visto como um todo, corpo, alma, individualidade e história. Dessa maneira, a conjugalidade passa a ter outro sentido, como ter uma relação de prazer, poder, apoio emocional, o que difere do sentido inicial.

Na contemporaneidade, os relacionamentos são de escolha individual e autônoma, no qual cada sujeito possui o direito de decidir com quem vai se relacionar, quais são seus desejos e objetivos, e o que busca dentro de um relacionamento. Toda essa mudança na configuração dos relacionamentos, e da sociedade como um todo, também acarretou mudanças na percepção dos indivíduos com relação à conjugalidade, visto que antes os relacionamentos tinham objetivos bem específicos, e que deveriam ser seguidos.

Sendo assim, os indivíduos presam por seus objetivos e desejos, que apesar da cultura de construção de uma família ainda está bem viva na sociedade contemporânea, quando os indivíduos dão um passo nessa direção, começam a refletir sobre suas individualidades, desejos, objetivos. Essas questões passam a ser questionadas pelos indivíduos, ter um relacionamento e seguir um padrão cultural construído na sociedade, ou dar prioridade aos meus desejos e metas individuais, que passam a ser cobrados pela sociedade moderna.

Sendo assim, podemos apontar a grande questão enfrentada pelos relacionamentos contemporâneos, o desejo de ter um amor ideal, sentimento de pertencimento e segurança, ou realizar suas metas individualistas, desejos profissionais e pessoais, no qual só precisará de si mesmo.

Em vista disso, compreende-se com o passar do tempo uma sociedade cada vez mais individualista, e para ser compreendido com maior clareza, Elliott

(2018) desenvolveu um estudo no qual abordou sobre novo individualismo. Os escritos apontam uma nova cultura, que demanda que o indivíduo se reinvente constantemente, e a partir dessa reinvenção, o mesmo precisa de reorganização de si mesmo, e dos âmbitos sociais o qual faz parte, pois a sociedade precisa que o sujeito acompanhe toda a evolução global e tecnológica. Dessa maneira, não é a individualidade e subjetividade de cada um que tem valor, mas sim a forma como ele se recria, forma novas identidades, e a rapidez com que isso acontece. Sendo essa uma das principais características do individualismo, a transformação, a reinvenção diária da forma com que é exigida pela sociedade, com isso os indivíduos empregam bens sociais, e símbolos culturais, modificando sua identidade a cada desejo e meta imposta.

Toda essa necessidade de mudança e recriação podem causar prejuízos graves na vida dos indivíduos, pois o desejo de se transformar faz com que o indivíduo seja levado pelo consumismo, podendo desenvolver obsessão e compulsão, para realizar suas renovações. As teorias abordadas indicam que o individualismo se dá a partir do processo de desencaxe, o qual desprende as pessoas do contexto tradicional, os indivíduos deixam a subordinação de lado, passam a ter uma autonomia que não existia antes.

Essa autonomia conquistada, e todo esse processo de transformação que os indivíduos realizam, oferece a eles um valor supremo que causa forte ênfase na liberdade, realizações pessoais prazerosas, e viver sentindo que não precisa do outro, todas essas sensações, faz sentir-se acima dos outros, no qual o querer interno se sobressai a qualquer exigência ou relação do mundo externo, o desejo pessoal e individual sempre aparece como mais importante, deixando o coletivo de lado.

Toda essa vertente sobre individualismo, acarreta a negligência dos indivíduos com suas individualidades (singularidade). Esse eu de cada um corresponde a herança biológica que serve como base para a formação da individualidade, juntamente com as relações sociais, diferenciando assim os sujeitos de uma sociedade.

A individualidade se compõe de características únicas de cada um, podendo elas serem herdadas biologicamente, como formas físicas, aparência, como também o que foi apreendido no contexto familiar em que está inserido. Essas particularidades construídas a partir da convivência com o núcleo familiar

podem ser mudadas e ressignificadas de acordo com o grupo social em que o indivíduo faz parte, auxiliando a descobrir seus gostos, desejos, satisfações e também o que lhe causa prejuízo, desgosto e consequências negativas.

Dessa maneira, conclui-se a partir das bibliografias estudadas, que apesar da busca por relacionamentos conjugais ser constante e considerada um ideal de felicidade, a problemática perceptível são as práticas individualistas presente no cotidiano dos relacionamentos, pois como é possível manusear dois desejos diferentes, percepções e projetos opostos dentro de uma conjugalidade em comum.

Percebemos que a busca por realização pessoal em excesso pode fazer com que o indivíduo se perca de si mesmo, esquecendo de sua real individualidade, o que também acarreta na disfuncionalidade dos relacionamentos já existentes, e dificuldade em se inserir em um, que é o desejo de muitos.

Sendo assim, sugere-se que os indivíduos façam exercícios diários do autoconhecimento, aceitação, busquem seus reais desejos e objetivos enquanto individualidade, reconheçam seus limites. Busquem objetivos em comum com seus cônjuges, respeitando suas particularidades e desejos individuais. Que não se deixe render pelas cobranças e padrões sociais. Quanto as formações conjugais, que sejam realizadas de forma saudável, respeitando as individualidades, e apreendendo a lidar com as diferenças.

REFERÊNCIAS

- ABOIM, Sofia. Conjugalidade, afectos e formas de autonomia individual. **Análise Social**, Lisboa, v. XLI (3.º) n. 180, p. 801-825, 2006. Disponível em: <http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/1218722486G7qLJ6ju3Yw99KV9.pdf>
Acesso: 19 de maio de 2020.
- ALVES-SILVA, Junia Denise; SCORSOLINI-COMIN, Fabio; SANTOS, Manoel Antônio dos. Bodas para uma vida: motivos para manter um casamento de longa duração. **Temas em Psicologia**, Ribeirão Preto, v. 25, n.2, p.487-501, jun. 2017. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1413-389X2017000200005&lng=pt&nrm=iso Acesso: 12 de agosto de 2020
- BAUMAN, Zygmunt. **Amor líquido**: sobre a fragilidade dos laços humanos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.
- COSTA, Crístofer Batista da; MOSMANN, Clarisse Pereira. Relacionamentos conjugais na atualidade: percepções de indivíduos em casamentos de longa duração. **Rev. SPAGESP**, Ribeirão Preto, v. 16, n. 2, p. 16-31, 2015. Disponível: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-29702015000200003 Acesso: 20 de junho 2020.
- COUTINHO, Sabrine Mantuan dos Santos; MENANDRO, Paulo Rogério Meira. Relações conjugais e familiares na perspectiva de mulheres de duas gerações: "Que seja terno enquanto dure". **Psicol. clin.**, Rio de Janeiro, v. 22, n. 2, pág. 83-106, 2010. Disponível: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-56652010000200007 Acesso: 20 de agosto de 2020.
- DOMINGUES, José Maurício. Reflexibilidade, individualismo e modernidade. **Rev. bras. Ci. Soc.**, São Paulo, v. 17, n. 49, p. 55-70, jun. 2002. Disponível: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-69092002000200005&script=sci_abstract&lng=pt Acesso: 20 de junho de 2020.
- ELLIOTT, Anthony. A teoria do novo individualismo. **Soc. estado**, Brasília, v. 33, n. 2, p. 465-486, ago. 2018. Disponível: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69922018000200465 Acesso em: 20 de junho de 2020.
- FALCKE, Denise; ZORDAN, Eliana. Amor, Casamento e Sexo: opinião de adultos jovens solteiros. **Arq. bras. psicol**, Rio de Janeiro, v. 62, n.2, p. 143-155, 2010. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-52672010000200013 Acesso em: 27 de agosto de 2020.
- FERES-CAERNEIRO, Terezinha; DINIZ NETO, Orestes. Construção e dissolução da conjugalidade: padrões relacionais. **Paideia**, Ribeirão Preto, vol. 20, no.40, p. 269-278, maio/ago. 2010. Disponível: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-863X2010000200014&script=sci_abstract&lng=pt Acesso em: 20 de junho de 2020.

FERES-CARNEIRO, Terezinha. Casamento contemporâneo: o difícil convívio da individualidade com a conjugalidade. **Psicol. Reflex. Crit.**, Porto Alegre, v. 11, n. 2, p. 379-394, 1998. Disponível: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-79721998000200014&script=sci_abstract&lng=pt Acesso em: 20 de junho de 2020.

FOUCAUL, Michel. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. 13. ed. Rio de Janeiro: Gallimard, 1999. 151 p.

_____. **História da sexualidade 2: o uso dos prazeres**. 8. ed. Rio de Janeiro: Gallimard, 1984. 116 p.

GARCIA, Claudia Amorim; COUTINHO, Luciana Gageiro. Os novos rumos do individualismo e o desamparo do sujeito contemporâneo. **Psychê**, São Paulo, v. VIII, n. 13, p. 125-140, jan./jun. 2004. Disponível: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-11382004000100011 Acesso em: 20 de junho de 2020.

GIDDENS, Anthony. **A transformação da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas**. 2 ed. São Paulo: Unesp, 1993. 110 p.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas S.A, 2002, 176 p. Disponível em: http://www.uece.br/nucleodelinguasitaperi/dmdocuments/gil_como_elaborar_projeto_de_pesquisa.pdf Acesso em 10 de agosto de 2020.

MAGALHÃES, Andrea Seixas; FERES-CARNEIRO, Terezinha. Conjugalidade e subjetividades contemporâneas: o parceiro como instrumento de legitimação do “eu”. In: **Estados Gerais da Psicanálise**, segundo encontro mundial, 2003, Rio de Janeiro. Conjugalidade... Rio de Janeiro [s.n.], 2003. p. 1-13. Disponível em: http://egp.dreamhosters.com/encontros/mundial_rj/port/trabalhos/5a_Carneiro_39020903_port.htm Acesso em: 19 de agosto de 2020.

MARCON, Gilberto Hoffmann; FURLAN, Reinaldo. A questão identitária na pós-modernidade: autenticidade e individualismo em Charles Taylor. **Psicol. USP**, São Paulo, v. 31, e190048, 2020. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-65642020000100201 Acesso: 16 de julho de 2020.

MARTINS, Ligia Márcia. **Análise sócio-histórica do processo de personalização de professores**. Tese de doutorado. Programa de Pós graduação em Educação, Faculdade de Filosofia e Ciências, UNESP. Marília, 2001. Disponível: https://formacaodocente.files.wordpress.com/2012/09/martins_ligia_-_analise_socio-historica_do_processo_de_personalizacao_de_professores.pdf Acesso em: 20 de junho de 2020.

MELO, Cláudia Ferreira. et al. Vou pedir sua mão.. mas o que eu faço com ela? Conjugalidade e psicanálise. **Reverso**, Belo Horizonte, ano 36, n. 68, p. 27-32, dez. 2014. Disponível: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-73952014000200004 Acesso em: 20 de junho de 2020.

NEVES, Anamaria Silva; DIAS, Andrezza Sisoneto Ferreira; PARAVIDINI, João Luiz Leitão. A psicodinâmica conjugal e a contemporaneidade. **Psicol. clin.**, Rio de Janeiro, v. 25, n.2, p. 73-87, jun. 2013. Disponível:

http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-56652013000200005 Acesso em: 20 de junho de 2020.

OLTRAMARI, Leandro Castro. Amor e conjugalidade na contemporaneidade: uma revisão de literatura. **Psicol. Estud.**, Maringá, v. 14, n. 4, p. 669-777, out./dez. 2009. Disponível: <https://www.scielo.br/pdf/pe/v14n4/v14n4a07.pdf> Acesso: 20 de junho de 2020.

PERRUSI, Artur. Sofrimento psíquico, individualismo e uso de psicotrópicos: saúde mental e individualidade contemporânea. **Tempo Social, revista de sociologia da USP**, São Paulo, v. 27, n. 1, p. 146-149, jun. 2015. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-20702015000100139&script=sci_abstract&tlng=pt Acesso: 24 de junho de 2020.

PORRECA, Wladimir. Relação conjugal: Desafios e possibilidades do “nós”. **Psic.: Teor. e Pesq.**, Brasília, v. 35, n. spe, e35nspe7, 2019. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-37722019000200206&lng=pt&nrm=iso Acesso: 23 de junho de 2020.

REY GONZÁLEZ, Fernando Luis. A pesquisa e o tema da subjetividade em educação. **Psi. da Ed.**, São Paulo, n.13, p. 9-15, 2001. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/psicoeduca/article/view/32815/22634> Acesso: 28 de agosto de 2020.

RIOS, Izabel Cristina. O amor nos tempos de Narciso. **Interface – comunicação, saúde educação**, São Paulo, v. 12, n. 25, p. 421-426, abr./jun. 2008. Disponível: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1414-32832008000200016&script=sci_abstract&tlng=pt Acesso: 20 de junho de 2020.

SILVA, Flávia Gonçalves. Subjetividade, individualidade, personalidade e identidade: concepções a partir da psicologia histórico-cultural. **Psic. da Ed**, São Paulo, p. 169- 195, 2009. Disponível: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/psie/n28/v28a10.pdf> Acesso: 20 de junho de 2020.

VARES, Sidnei Ferreira de. Socialismo e Individualismo em Émile Durkheim. **Caderno CRH**, Salvador, v. 24, n.62, p. 435-446, maio./ago. 2011. Disponível: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-49792011000200013#:~:text=O%20presente%20trabalho%20pretende%20analisar,individualista%20que%20permearia%20toda%20a Acesso: 31 de agosto de 2020.

VIEIRA, Érico Douglas; STENGEL, Márcia. Individualismo, liberdade e insegurança na Pós-modernidade. **ECOS**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 2, p. 345-357, ago. 2012. Disponível: <http://www.periodicoshumanas.uff.br/ecos/article/view/740> Acesso: 20 de junho de 2020.

ZANETTI, Sandra Aparecida Serra; SEI, Maíra Bonafé; COLAVIN, João Rafael Pimentel. Desafios de se manter como um casal na contemporaneidade: contribuições da psicanálise sobre a dinâmica conjugal. **Vínculo [online]**, v. 10, n. 1, p. 45-54, maio. 2013. Disponível:

http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1806-24902013000100008 Acesso: 20 de junho de 2020.

ZORDAN, Eliana Piccoli. **A separação conjugal na contemporaneidade:** motivos circunstância e contexto. 2010. p. Tese (doutorado) – Programa de Pós Graduação em Psicologia da – PUCRS. Porto Alegre, 2010. Disponível em: <http://tede2.pucrs.br/tede2/bitstream/tede/702/1/422211.pdf> Acesso em: 23 de junho de 2020.

ANEXOS



RELATÓRIO DE VERIFICAÇÃO DE PLÁGIO

DISCENTE: Jaqueline Guerra Lafuente

CURSO: Psicologia

DATA DE ANÁLISE: 02.09.2020

RESULTADO DA ANÁLISE

Estatísticas

Suspeitas na Internet: **7,95%**

Percentual do texto com expressões localizadas na internet 

Suspeitas confirmadas: **5,33%**

Confirmada existência dos trechos suspeitos nos endereços encontrados 

Texto analisado: **96,42%**

Percentual do texto efetivamente analisado (frases curtas, caracteres especiais, texto quebrado não são analisados).

Sucesso da análise: **100%**

Percentual das pesquisas com sucesso, indica a qualidade da análise, quanto maior, melhor.

Analisado por Plagius - Detector de Plágio 2.4.11
quarta-feira, 2 de setembro de 2020 11:59

PARECER FINAL

Declaro para devidos fins, que o trabalho da discente **JAQUELINE GUERRA LAFUENTE**, n. de matrícula **21475**, do curso de Psicologia, foi **APROVADO** na verificação de plágio, com porcentagem conferida em 7,95%. Devendo a aluna fazer as correções que se fizerem necessárias.

(assinado eletronicamente)
HERTA MARIA DE AÇUCENA DO N. SOEIRO
Bibliotecária CRB 1114/11
Biblioteca Júlio Bordignon
Faculdade de Educação e Meio Ambiente